



TRABALHANDO COM A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL POR MEIO DA BRINCADEIRA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

Eixo-temático: estágio supervisionado

Giseliene Medeiros Almeida

Gisele_ufal@hotmail.com

Universidade Federal de Alagoas-UFAL

Resumo: O presente trabalho diz respeito a um relato de experiência de estágio supervisionado em educação infantil, realizado em um centro de Educação Infantil de Delmiro Gouveia, Alagoas. Discutindo a respeito do projeto de intervenção aplicado intitulado como: “A brincadeira é o espelho que reflete as diferenças: brincado e aprendendo com as múltiplas linguagens”. Tendo como objetivo fundamental desenvolver a percepção das diferenças do eu e do outro por meio das brincadeiras utilizando as múltiplas linguagens para estimular a imaginação, a criatividade e as formas de expressividade da criança pequena, aprendendo a valorizar a diversidade étnico-racial. Buscou-se estabelecer uma relação entre a prática e a teoria, utilizando de referenciais teóricos como: Lopes (2000), Paula (2005), Santos (2007), Anjos (2012), Kramer (2006), a constituição brasileira de 1988, documentos como o Referencial curricular nacional para a educação infantil (RCNEI 1998), as Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil (DCNEI,2010), dentre outros que salientam questões importantes para discussão aqui proposta. Sendo assim, busca-se refletir a cerca dos resultados obtidos com o projeto de intervenção, afirmando a necessidade de temas contemporâneos como racismo, preconceito e discriminação serem trabalhados desde a Educação Infantil numa perspectiva valorativa e interdisciplinar.

Palavras-chave: Educação Infantil. Brincadeira. Diversidade. Valorização.

1 - INTRODUÇÃO

Na sociedade em que vivemos torna-se de fundamental importância discutir a cerca de temas envolvendo a educação étnico-racial, uma vez que questões como racismo, preconceito e discriminação permeiam o nosso cotidiano, porém muitas vezes essas temáticas são mascaradas, veladas e tratadas apenas como ‘brincadeiras’.

É imprescindível, então que a diversidade seja contemplada nas práticas pedagógicas desde a Educação Infantil, numa perspectiva valorativa de si e do outro. Com isso, diante das observações de estágio supervisionado em Educação Infantil, percebeu-se algumas falas das crianças que demarcam a percepção da diferença. Vale ressaltar que a diferença é algo



natural, o que vai contar é como esta será tratada em sala de aula. Nesse sentido, buscou-se através de um projeto de intervenção intitulado como: “A brincadeira é o espelho que reflete as diferenças: Brincando e aprendendo com as múltiplas linguagens”, trabalhar questões envolvendo essas temáticas latentes, numa perspectiva valorativa utilizando a brincadeira e as múltiplas linguagens enquanto subsídio indispensável na educação de crianças pequenas, assim como é evidenciado em documentos como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI 1998).

Têm-se como objetivo fundamental, refletir a cerca da importância dessas temáticas na vida das crianças pequenas, no seu processo de construção de identidade, valorização de si e do outro, bem como seu desenvolvimento integral.

O projeto de intervenção foi realizado durante 10 dias dividido em 24 sessões, dando ênfase a diversidade étnico-racial, por meio da brincadeira e da arte. Nesse período houve uma troca de aprendizagens, considerando que o estágio supervisionado fomenta a complementaridade entre instituição campo, professores, estagiários e crianças.

Portanto, este trabalho torna-se relevante à medida que busca-se refletir a cerca da importância da diversidade étnico-racial no planejamento educacional infantil, trazendo um relato de estágio supervisionado, equiparando a teoria e a prática enquanto indissociáveis na construção do saber.

2 - DESENVOLVIMENTO

Na chamada nova modernidade, nos deparamos com problemas complexos de convívio entre os cidadãos. Pois o que prevalece é o individualismo, esse que desencadeia várias problemáticas a partir de vários âmbitos. E algumas dessas problemáticas estão na questão do racismo, do preconceito e da discriminação. E assim como afirma Lopes (2000) há a necessidade de um olhar sobre a realidade, pois a visão que se tem no Brasil é que o racismo, o preconceito e a discriminação não existem dar-se á entender que isso ficou no passado. Contudo há a necessidade de acordar e ver que essa problemática está presente, e precisa ser estudada e contemplada diariamente nas práticas pedagógicas.

De acordo com Paula (2005) mesmo que possuam vários seres humanos com características diferentes, nenhum fator pode afirmar que existem raças. “O racismo, nesse



sentido, é a crença na existência das raças (branca, negra, indígena e oriental) e na possibilidade da superioridade de uma sobre as outras.“ (p.90).

Assim, não existem raças e hoje conta-se com vários estudos que enfatizam o paradoxo de que o racismo existe, porém ninguém identifica-se como racista. Vivemos então em um mito? Uma mentira?

Tudo que se tem como feio e ruim é associado à cor negra, vou utilizar aqui exemplos grosseiros: uma pomba branca é sinônimo de paz, porém um corvo preto é sinônimo de azar. O cabelo liso e loiro é considerado belo e bom, no entanto o crespo e preto é considerado feio, ruim, pixaim. Porque se tem esse ideal de beleza? Quem construiu esses argumentos tão frequentes no cotidiano?

Esses são respingos da história, porém vivemos em uma sociedade que se diz democrática e ante racista, vivemos numa sociedade que se afirma desenvolvida e inclusiva, deste modo tem-se uma contradição.

Na constituição brasileira de 1988, das competências no crime contra a vida temos: XLI - a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais. XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei;

Desta forma sabe-se que no Brasil é crime discriminar, porém o racismo está presente, mesmo que “ninguém queira ser racista” deste modo há uma contradição, pois ao mesmo tempo que sabe-se que existe o racismo e que ele está presente, “nós” não somos racistas. Ou seja, ele existe, porém com as leis e medidas do governo, passa-se a maquiá-lo, para que se tenha a falsa impressão de que no país não existe.

Segundo Lopes (2000, p. 187), há a necessidade de:

Um olhar atento sobre a realidade do povo brasileiro mostra uma sociedade multirracial [...] que faz de conta que o racismo, o preconceito e a discriminação não existem. No entanto, afloram a todo momento, ora de modo velado, ora escancarado, e estão presentes na vida diária.

As pessoas são induzidas á acreditar que o racismo não existe, mas o problema estar em toda parte. Podendo ser de forma consciente ou inconsciente. Percebe, pois como essas questões vem sendo deixadas de lado, sabe-se que existe, porém muitas vezes não se tem a consciência do que se trata de fato, e de como esses podem trabalhados na instituição escolar.



É importante enfatizar que as pessoas não herdam geneticamente o racismo, esse advém das relações sociais, e do mesmo modo que a pessoa aprende a ser racista ela pode ressignificar esse aprendizado, a partir de uma educação contínua e significativa, que contemplem os conteúdos de acordo com a realidade, na tentativa de valorizar a diversidade e ampliar os olhares frente ao racismo, o preconceito e a discriminação. Esses que são conceitos diferentes, porém agregados, sendo necessário, esclarecer as seguintes questões:

Preconceito racial: idéia pré concebida suspeita de intolerância e a versão de uma raça em relação á outra, sem razão objetiva ou refletida. Normalmente, o preconceito vem acompanhado de uma atitude discriminatória; [...] Discriminação racial: é a atitude ou ação de distinguir, separar as raças, tendo por base idéias preconceituosas; (LOPES, 2000, P. 187).

Com isso percebe-se que se trata de concepções com significados diferenciados, porém que estão interligadas. De forma sucinta, o preconceito diz respeito a uma ideia pré estabelecida de uma pessoa sem ao menos conhecê-la, seria julgá-la pela aparência. A discriminação trata-se da ação concreta, de maltratar alguém simplesmente por essa ser diferente, essa atitude advém de uma ação racista, com base em um pensamento preconceituoso.

Nesse sentido, a escola possui um papel fundamental na construção de um novo olhar, pois a proposta pedagógica deve se voltar para um trabalho de valorização do outro, em um combate a ideias preconceituosas, de modo que todos os envolvidos no processo de construção do saber, possam entender que a diferença entre pessoas é algo inerente ao ser humano,

A educação escolar deve ajudar professor e alunos a compreenderem que a diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valorizá-las para garantir a democracia que, entre outros, significa respeito pelas pessoas e nações tais como são[...]. (LOPES, 2000, p. 188).

Nessa perspectiva de educação crítica e consciente, destaca-se a importância de trabalhar essas questões na educação infantil, uma vez que considera-se a criança pequena enquanto ser ativo, imerso numa realidade social em processo de construção de identidade. Assim a diversidade étnico-racial pode e deve ser contextualizada no planejamento educacional infantil.

Partindo desse pressuposto no projeto de estágio supervisionado em educação infantil, por meio de conversas e brincadeiras observadas entre as crianças, viu-se a necessidade de



trabalhar com a diversidade por meio da brincadeira, na perspectiva da valorização pessoal e social de questões envolvendo a diversidade étnico-racial

Portanto, diante das observações realizadas durante a primeira etapa do estágio supervisionado II em Educação Infantil, surge a proposta de trabalhar com questões relacionadas ao racismo, preconceito e discriminação, tendo como eixo fundamental a brincadeira para entender o ser criança e suas possibilidades de aprender por meio da ação coletiva e intencional.

O projeto de intervenção intitulado “A brincadeira é o espelho que reflete as diferenças: Brincando e aprendendo com as múltiplas linguagens”, foi desenvolvido em um centro municipal de Educação Infantil de Delmiro Gouveia, Alagoas, em duas turmas da modalidade pré-escolar, jardim II, com crianças na faixa etária de 5 anos, e teve como objetivo refletir acerca da autonomia, diferenciação e valorização do eu e do outro através da socialização, pois é explicitado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010, p. 21) que “o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças” devem fazer parte das propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil.

A temática abordada surgiu durante as observações nas turmas de Jardim II onde percebeu-se através de algumas falas das crianças como: "Essa boneca é muito feia porque ela tem a cara preta" “quando crescer vou pintar meu cabelo de loiro” que as questões envolvendo a diversidade étnico-racial necessitam de um olhar diferenciado que considere as especificidades das crianças ao se tratar do desenvolvimento da autonomia, diferenciação e valorização de si e do outro por meio da socialização.

Nesse sentido, o projeto foi realizado em 24 sessões, distribuídas em 10 dias, tendo como objetivo refletir a cerca das perspectivas de ensinar e aprender por meio das múltiplas linguagens, consideradas subsídios indispensáveis para a formação da criança e percepção e valorização da diferença.

Vale ressaltar que no primeiro dia de intervenção conversou-se com as crianças sobre o projeto proposto, questionando a opinião delas frente às brincadeiras propostas, pedindo sugestões e críticas, uma vez que ser pedagogo é acreditar na capacidade da criança de falar e ser ouvida, dando ênfase na pedagogia da escuta, uma vez que elas são as principais protagonistas do centro educacional.



Para tanto foram propostas atividades permanentes como: acolhida: Oração, músicas, leitura, maleta viajante, calendário, quanto somos, combinados da turma, ajudante do dia e chamada. Essas que foram trabalhadas de maneiras diferenciadas ao decorrer das sessões. Dando ênfase a interação através de atividades em grupos.

Dentre as sessões realizadas, destaca-se a construção do boneco amigo, que para sua construção, houve a divisão de papéis onde cada um ficou responsável por uma parte, ajudando os colegas, havendo também eleição para cor, sexo e nome. Sendo nomeado pelas crianças de Pedro Everton. Após a construção desse boneco, todos os dias uma criança levava para casa e teria que deixar a marca que quisesse e trazer no dia seguinte para outro amigo levar para casa.

Nesse processo de aprendizagem interativa, a cor escolhida do boneco foi o preto, e algumas crianças resistiram a essa cor por achar feia. Contudo, por meio de diálogos e valorização da produção em conjunto o Pedro Everton virou o mascote da sala, de modo que todos os dias uma criança levava para casa e deixava uma marca, ele voltava com cueca, roupas, chapéu, medalhas, sem cabelo, com meias, dentre tantas outras marcas registradas pelas crianças que ao chegar e apresentar a marca sempre refletia-se das características próprias que todas tinham e que Pedro Everton era uma soma dessas características.

É importante ainda registrar, que Pedro Everton favoreceu algumas superações pessoais como uma criança que só dormia com o pai e a mãe, que tinha medo de ficar sozinha, ao levar Pedro Everton para passar o fim de semana dormiu os três dias com ele em seu quarto.

Nessa perspectiva ressalta-se que a atividade com Pedro Everton foi significativa para as crianças envolvidas, uma vez que favoreceu o trabalho em grupo, o respeito das marcas dos outros e características próprias, fazendo uma soma positiva das subjetividades de cada um.

De acordo com Santos (2007, p.14) a identidade de todos nós depende da diferença, de modo que a diferença em si mesma não é boa nem ruim depende do que está associado a ela ganhando designações a partir das vivências sociais. Sendo assim, é de suma importância adequar a prática pedagógica para que as experiências novas e a relação com os diferentes seja uma experiência prazerosa e não seja vista como uma forma punitiva repleta de medo e repressão. Assim os objetivos propostos foram atingidos, dando ênfase a valorização pessoal e social, trabalhando múltiplos conteúdos e linguagens de maneira interdisciplinar.



Nas sessões, trabalhou-se também com baú de recordações, oficina de brinquedos e de artes, confecção de massa de modelar caseira, história dos nomes, construção de fantoches, tinta caseira, mistura de tintas, construção do painel, caixa dos sentidos, tapete das sensações, sessão de cinema com a Menina Bonita do Laço de Fita, espelho, desenho livre, elaboração de fantasias, cantinho da beleza, momentos de recreação com músicas, danças e brincadeiras e a culminância do projeto com o dia da fantasia.

Destaca-se a atividade da tenda dos sentidos, onde explicando os 5 sentidos (audição, visão, paladar, tato e olfato) utilizando a prova de alimentos, cheiro de diferentes produtos, sons do ambiente, dentre outras metodologias que podiam brincar e investigar dentro de uma tenda. Surge uma questão: “Tia e quem não fala ou não ouve?” perguntou uma criança, dando início a um rico debate sobre as diferenças. Refletiu-se sobre as diferenças presentes na sala, pedindo que se olhassem e que identificassem as diferenças, afirmando que todos são diferentes e bonitos. “sim, tia, eu sou diferente do meu amigo, mas os dois é bonito” ressaltou uma criança entusiasmada.

Assim corrobora-se com a ideia de Santos (2007) quando afirma: “os educadores não devem temer ou inibir essas expressões. Diferenciar é uma forma de apropriação do mundo, de conhecimento, de construção de si mesmo” (p. 14). Uma vez que a criança não nasce com a concepção de feio ou bonito, isso ela aprende nas relações sociais, a diferença é algo natural o que vai contar é como vai ser tratada e valorizada na Educação Infantil.

É importante salientar também a atividade realizada com a história dos nomes, onde as crianças ao som de Chico Buarque com a música gente tem sobrenome, foram convidadas a pensar sobre o porquê de ter esse nome, ouvindo a música e conversando com elas, em seguida passou-se uma caixa com os nomes e significados onde um a um foram pegando e lendo em conjunto.

Na Educação Infantil chamar a criança pelo nome constituísse como um dos mais importantes processos de construção de identidade, afirmação e diferenciação do eu e do outro. Considerando que de acordo com o RCNEI (1998, p.38), “[...] o nome traz mais do que uma grafia específica, e lhe traz também uma história, um significado”.

As crianças ficaram entusiasmadas, algumas insatisfeitas com os significados como uma menina que não concordou com o significado: “não pode meu nome significar parda, branquinha se eu sou preta, olhe meu joelho tia!”. Nas falas dessa criança percebia-se o



orgulho em ser negra, contudo havia uma outra menina que não aceitava sua cor de pele e cabelos.

Ao decorrer dos dias, e da temática que estava sendo abordada sempre percebeu-se essa insatisfação pessoal. Um momento que exemplifica essa percepção se deu na roda de leitura, onde foi lida a história Betina, de Nilma Lino, que retrata a vida de uma menina negra dos cabelos de trança. Ao decorrer da leitura destacamos algumas falas, a referida criança foi intitulada como criança 1:

- A Betina é feia porque ela tem trancinhas. Criança 1
- Mas você tem um cabelo assim também. Criança 2
- Eu achei o cabelo da avó dela feio. Criança 3
- Depois eu achei bonito. Criança 4
- Você (criança 1) parece com a Betina tia. Criança 6
- Eu pareço com a Betina? E ela é bonita? Eu não pareço com a Betina, porque não uso essas tranças e não gosto das bochechas dela. Criança 1.
- Quando eu crescer vou pintar meu cabelo de loiro, porque eu acho bonito. Criança 1
- O cabelo dela é bonito? Estagiária
- É lindo tia! Criança 5
- o cabelo dele também é cacheado como o dela e é bonito também. Criança 4
- Isso mesmo, todos nós somos lindos, diferentes e especiais. Então você é linda do jeito que é, com seus cabelos cacheados e negros, não precisa pintar para ficar bonita. Estagiária

Nessa conversa é possível perceber o quanto a percepção da diferença encontra-se presente nos discursos das crianças. A criança 1 que é uma menina negra tem dificuldade em se identificar como tal, havendo um conflito de formação de identidade. É importante ressaltar que a criança não nasce com preconceitos, ela aprende o que é feio e bonito no convívio em sociedade, contudo essa mesma sociedade impõe padrões estereotipados e enraizados que associam tudo o que é preto ao feio, e com isso torna-se difícil para uma criança assumir-se como negra em um meio que despreza essa cor.

Além de práticas cotidianas que reforçam o racismo e a discriminação, as autoras Marques e Jahnke (2011, p.125) chamam atenção para os brinquedos, que muitas vezes possuem um caráter excludente, que vem produzindo um tipo de cor, gênero e etnia, reproduzindo uma figura de sujeito modelo para a sociedade,



[...] desde muito cedo, a cultura da exclusão vem pegando carona nos brinquedos e se entranhando no imaginário infantil. A partir disso, as crianças vão construindo a noção de que será mais fácil ter amigos para brincar, para rir e para conversar quando seu corpo estiver “formatado” no modelo aceito como “bonito” pelo grupo ao qual ele pertence ou quer pertencer. Como consequência temos crianças que não só desejam ter a boneca Barbie, como também desejam “ser” como ela. (MARQUES e JAHNKE, 2011, p. 125).

Assim, percebe-se que são inúmeras as formas de exclusão presentes na sociedade e na escola, prestou-se atenção a essa visão das crianças para com os brinquedos no período de observação, onde uma criança dizia que uma boneca era feia por ter a cara preta, e essa foi uma das falas que desencadeou a realização desse projeto de intervenção baseado na valorização da diferença por meio da brincadeira.

Contudo, o período de estágio é curto para tentar dar conta dessa problemática tão complexa, realizamos trabalhos que visaram mediar essas situações, tivemos alguns avanços com algumas crianças, no entanto essa temática precisa ser mais aprofundada no dia a dia, pois esse é um processo que leva tempo.

Nesta perspectiva, consideramos que a Educação Infantil é o espaço privilegiado de conteúdos que necessita de um planejamento flexível que se adapte as necessidades de cada criança e, tendo em vista o que foi mencionado buscou-se proporcionar momentos diferenciados e prazerosos que envolvam o aprender brincando, dando espaço para que as crianças pudessem se expressar por meio das múltiplas linguagens, compreendendo o seu lugar e o lugar do outro no mundo através da diferenciação e valorização do eu e do outro, construindo sua identidade e autonomia.

Assim compactua-se com a ideia de Anjos (2012) quando afirma que a arte é tão importante quanto às demais áreas do conhecimento, uma vez que o professor deve perceber a arte como forma de expressão da criança, podendo possibilitar o desenvolvimento do gosto pela arte e a sensibilidade de se reconhecer como artistas criando cultura, se percebendo enquanto diferente no mundo, adquirindo sentidos próprios frente a realidade. Considerando que: “Por meio das Artes Visuais, as crianças têm a possibilidade de atribuir sentido aquilo que sentem, pensam e vivenciam”. (ANJOS, 2012, p.22).

Foram várias as atividades realizadas no projeto de estágio, buscando sempre a valorização da diferença, construção de identidade, independência, autonomia e



desenvolvimento integral da criança por meio da brincadeira utilizando da arte enquanto subsídio fundamental na educação infantil.

Em fim, foi construtivo, havendo uma reciprocidade de aprendizagens, trabalhando com as múltiplas linguagens e formas de desenvolvimento integral da criança enquanto protagonista e construtora de cultura própria, foi de fato um momento singular e único, construtivo para a formação docente, e para formação das crianças. Considerando que o estágio constitui-se numa complementaridade entre universidade, instituição escolar e família.

Sendo assim, buscou-se ensinar e aprender de maneira interdisciplinar por meio das múltiplas linguagens (Movimento, Música, Artes visuais, Linguagem Oral e escrita, Natureza e sociedade, Matemática, entre outras) ressaltadas no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998).

Uma vez que o referido documento apresenta subsídios indispensáveis para a formação da criança, as quais deverão ser trabalhadas de maneira interligadas para alcançar objetivos pedagógicos, por meio de ações planejadas para possíveis intervenções, na tentativa de entender o processo de expressividade da criança, para em seguida fazer um processo avaliativo que surge da observação direta intensiva.

A temática abordada é considerada de fundamental importância à medida que se pretendeu abordar assuntos relacionados à vida cotidiana, por meio de subsídios teóricos e práticos entendendo a Educação Infantil como local de aprendizagem de conteúdos utilizando a brincadeira como instrumento pedagógico para se trabalhar com a diferença e com temas contemporâneos na Educação Infantil.

Nessa perspectiva a brincadeira funciona enquanto instrumento fundamental para se abordar e valorizar as diferenças na Educação Infantil, considerando que o brincar constitui-se enquanto característica fundante do ser criança. Deste modo faz-se necessário que o lúdico esteja presente como veículo de ligação entre prazer e aprendizagem. Vale ressaltar que por meio da brincadeira a criança se desenvolve, construindo sua própria cultura, bem como a condição de ser e estar no mundo, adquirindo identidade e autonomia ao representar papéis brincar de faz de conta, esconde-esconde, entre tantas outras brincadeiras que auxiliam no desenvolvimento da criança pequena.

De acordo com o RCNEI (1998), na brincadeira a criança se desenvolve e desenvolve sua identidade e autonomia por meio da socialização, elaborando hipóteses e aprendendo com



os conflitos procurando significados por meio da ressignificação da troca de papéis no cotidiano da vida onde a criança não apenas imita, mas também transforma e aprende no fazer brincando. Nesse sentido, é no brincar que a criança percebe-se como um ser diferente.

Ao ser diferente é comum surgir questionamentos e reflexões que muitas vezes podem ser evidenciados por meio de comportamentos preconceituosos e discriminatórios, desta forma, a educação infantil enquanto local de conteúdos e sendo considerada um trabalho que exige competência, considera-se possível trabalhar temas contemporâneos na educação, como o racismo, preconceito e discriminação por meio da ferramenta fundamental para a aprendizagem das crianças que é a ludicidade.

A criança deve ser entendida, de acordo com o RCNEI como,

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivenciam, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 1998, p.12)

Portanto a educação infantil é o lugar por excelência de brincadeiras, de modo que o adulto precisa possuir um olhar detalhista construindo objetivos direcionados ao desenvolvimento da criança, planejando ações de acordo com as problemáticas que surgem no contexto escolar.

Parte-se da constatação da necessidade de realizar-se trabalhos que incentivem e promovam o desenvolvimento cognitivo, pessoal, afetivo e social da criança no ambiente escolar, partindo do pressuposto que estes são de fundamental importância na vida da criança. Consideramos que a diferença, sob qualquer dimensão (idade, deficiência, etnia, imagem corporal etc.), deve ser temas tratada no contexto da educação de crianças desde a sua formação na educação infantil.

De acordo com Kramer (2006, p. 16) “olhar o mundo a partir do ponto de vista da criança pode revelar contradições e uma outra maneira de ver a realidade”. Com isso, faz-se necessário ouvir a criança para entendê-la, olhando-a com um olhar de pesquisador que necessita de constantes reflexões e modificações de acordo com a especificidade de cada uma delas, considerando o contexto em que as mesmas encontram-se inseridas, levando a criança a ser um sujeito crítico e produtor da sua própria história.



Kramer (idem) destaca que é possível aprender com a criança sem se deixar infantilizar, ou seja, a prática pedagógica constitui-se enquanto uma troca de aprendizagens, onde o professor possui um papel de mediador. Nesse sentido, pretende-se ouvir a criança, a fim de compreender os diversos significados de suas ações motoras e formas de expressividade, buscando trabalhar a diferença por meio da brincadeira.

Tendo em vista os aspectos apresentados o projeto de intervenção “A brincadeira é o espelho que reflete as diferenças: brincando e aprendendo com as múltiplas linguagens”, ressalta-se a necessidade de que essas temáticas sejam trabalhadas no cotidiano escolar, pois questões envolvendo racismo, preconceito e discriminação precisam ser combatidas e prevenidas diariamente.

Por fim, é importante destacar que por meio de ações pedagógicas a aqui descrita, que visem à inserção da diversidade no ambiente educacional infantil, acredita-se na possibilidade de romper com visões limitadas e naturalizantes do racismo, pois assim como afirma Paula (2005) “No Brasil o racismo é velado , mascarado, disfarçado[...] as pessoas praticam o racismo, os preconceitos e as discriminações, são vítimas dele, mas não o percebem em seu cotidiano e seu fazer histórico. (p.90).

Assim, faz-se necessário tirar as máscaras, auxiliando as pessoas a verem o mundo desnudo, percebendo que o racismo, o preconceito e a discriminação, que muitas vezes vem em brincadeiras tidas como normal, não é natural. Nesse sentido enquanto educadora acredito na educação enquanto prática de transformação social.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se então ao final, apresentando essa experiência como meio de refletir constantemente a prática pedagógica e como é possível, valorizar questões envolvendo a diversidade étnico-racial desde a Educação Infantil, até os espaços mais informais, uma vez que adquiriu-se a identidade e a responsabilidade de enquanto educadora tentar transformar e auxiliar no desenvolvimento das crianças.

É importante ressaltar que não afirma-se ter domínio sobre a totalidade envolvendo essas questões, na medida em que são questões históricas que necessitam de estudos



aprofundados, contudo ver-se a possibilidade de enquanto educadora buscar meios de integrar a prática docente a múltiplos olhares numa perspectiva interdisciplinar.

Assim por meio do projeto de intervenção realizado considera-se que os objetivos foram atingidos, necessitando de mais reflexões acerca da temática, pois pretende-se desenvolver a percepção das diferenças e a valorização do eu e do outro por meio das brincadeiras utilizando as múltiplas linguagens para estimular a imaginação e as formas de expressividade da criança pequena.

Cabe argumentar que as questões envolvendo a diferenciação e construção de identidade levam tempo, e precisam ser reforçadas no dia a dia escolar, esse projeto contribuiu para reforçar a importância e a necessidade de trabalhar a diversidade étnico-racial na Educação infantil, por meio da brincadeira, valorizando as múltiplas linguagens considerando que essas atividades contemplam inúmeros conteúdos e conhecimento de mundo.

Por fim destaca-se que a experiência de estágio foi muito rica para as crianças, professores, estagiarias e todos os profissionais envolvidos estabelecendo uma relação de complementaridade.

4- REFERÊNCIAS

ANJOS, Cleriston Izidro dos. **Estágio na Licenciatura em Pedagogia**: 3. Arte na Educação Infantil. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2012. (Série Estágios – Coordenação: Mercedes Carvalho e Edna Prado).

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. – Brasília: MEC, SEB, 2010

JAHNKE, Simone Mundstock. MARQUES, Circe Mara. **Educação Infantil**: projetando a ação educativa- São Paulo: Paulinas, 2011.



KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade. **IN: BRASIL. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade.** MEC/SEB. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006, p.13 a 23.

LOPES, Véra Neusa. **Superando o racismo na escola IN: Racismo, preconceito e discriminação.** 2 impressão Org. Kabengele Munanga- Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. 2000.

PAULA, Adilton de. Educar o Brasil com raça: das raças ao racismo que ninguém vê (in) SANTOS, Genilda; SILVA, Maria Palmira (org.). **Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito racial no século XXI.** São Paulo: Fundação Perseu Amparo, 2005.

SANTOS. Gislene Aparecida dos. **Percepções da Diferença.** vol. 01. ed. Nove&Dez Criação e Arte. 2007.